



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Os americanos em Lisboa



— *Knoc out!*



PALESTRA AMENA

As oito horas

A União dos Gremios á Junta local de reformas sociais de Barcelona apresentou uma nota sobre a conveniencia de substituir o dia legal das oito horas de trabalho. Não diz o telegrama, que tal noticia trouxe, se essa substituição é para mais ou para menos, isto é — vai a variante para o leitor mais duro de comprehensão — se em vez de oito horas, os operarios passarão a trabalhar mais ou menos horas.

Somos dos que seguem as questões sociais com todo o cuidado, já pelo interesse da col. tividade, já pelo nosso interesse pessoal, pois que também somos operarios manuaes, embora muita gente julgue que o escritor publico não deva assim ser considerado, esquecendo-se, quem d'esse modo pensa, que se escreve com a mão e não ha nada mais manual.

Seguimos, pois, essas questões e desde já dizemos que, se a nossa opinião tivesse de ser ouvida, e assim deveria ser quando o assunto fosse discutido em Portugal, nós proporíamos uma

consideravel diminuição no numero das horas de trabalho por dia; em vez de 8 horas seriam 4 apenas...

Eia! qu car ta fés o leitor :o ver esta nossa opinião! Lá julgou que, com as 4 horas de trabalho, a crise da produção seria assombrosa!... Mas pense que nós dizemos 4 horas de trabalho, de trabalho a valer, escusado até de ser affiado, constante, podendo até ser adçoado por alguns minutos de descanso. Pois essas 4 horas de «trabalho» não seriam muito mais eficazes do que as 8 horas que actualment se empregam em fingir que se trabalha, lendo jornais, fumando, coçando-se, fazendo o mínimo de utilidade, do que resulta um aproveitamento de menos de 4 horas?

Exageros? Sim, ha excepções e a fiscalisação da ob a particular impede ás vezes esse espectáculo; mas na obra do Estado ou mais ge almente, em qualquer obra publica? Meditem, metam a mão na consciencia e convencer-se-hão de que não somos tão parvos como parecemos.

J. Neutral.

Ou sim ou sopas

Interrogandos os funcionarios dos caminhos de ferro sobre os varios roubos ali praticados, um deles declarou que muitos não devem ter o nome de roubos mas de actos de comercio; se os não ex-cessem morreriam á fome. De aí, o dilema.

Estamos mais vencidos do que convencidos, e só mudaríamos de attitude se os codigos fossem alterados de modo a não considerar o roubo como delicto.

A proposito: vive ainda hoje em Elvas um cidadão conspicuo e bonacheirão, que nos tempos da monarchia foi administrador do concelho e que o era n'uma das occasões da r maria do Senhor da Piedade, a festa maxima da



cidade e á qual concorrem muitos milhares de forasteiros, não só portuguezes como espanhoes.

Cer'o relógio, a quem roubaram o relógio, no aperião, foi queixar-se ao administrador. Segue o dialogo:

—Onde lhe roubaram o relógio?

—No largo do Senhor da Piedade. No meio do apertão.

—Ah! então o senhor vai para um sítio d'aqueles, com a concorrencia que s' sabe, e não quer que lhe roubem o relógio?

«Ora p sse muito bem.

A semelhança não é grande, mas dando-lhe uma voltinha não parecerá disparatada de todo.

—Roubaram-me uma remessa de Lisboa para Porto.

—Onde?

—No caminho de ferro.

—Ah! então você manda remessas pelo caminho de ferro, ganhando os empregados tão pouco como ganham e não quer que o roubem? Ora vá passear!

Na bicha da manteiga

Já vimos esta anedota, se não estamos em erro, numa publicação estrangeira (nós aqui somos muito seriosinhos) mas pessoa digna de fé contanos o facto como acontecido um dia destes, á porta d'uma loja de manteigas, ali ao Calhariz.

Longa bicha se estendia por ali fóra e o calor era de rachar.

Suava-se, praguejava-se... De subito, uma mulhe sinha, que estava na bicha desde que a loja abriera, teve uma síncope.

Acediu a policia, que perguntou se algum sabia onde a mulher morava, para a levar para casa, de preferencia a um posto medico.

—Sei eu, disse um sujeito, que também se encontrava na bicha.

«Essa senhora é minha mulher. Mora na rua da Rosa, numero...»

O policia:

—Então ajude-nos a levar sua mulher para casa.

—Eu? disse o marido. Levem-na vocês, que não estou para perder o meu logar na bicha!...

Muitos graus

Houve aí uma vaga de calor, vinda directamente do sol—uma mancha, por sinal, de que nunca se ha de lavar—que foi dumha pessoa ficar feita em torquesmos. Como foi muito de extranhar que tal acontecesse, porque isto de grandes calôres em Julho é coisa rariissima, procurámos uma pessoa do reconhecida competencia para nos esclarecer sobre as consequencias de semelhante facto e a maneira de o remediar, possivelmente, no futuro.

Um sábio astrónomo disse-nos:

—A causa do calor é, embora o não acreditem, a elevação de temperatura, assim como está provado que a causa do frio é o abaixamento da mesma temperatura.

«Como se reconhece que a temperatura sobe, perguntar-se-h? D'um modo extremamente facil: olhando para um termometro vulgar, o centigrado por exemplo. Se a columna mercurial vai acima de 25 graus, pode assegurar-se que o tempo já está quente; a 30, 35, 36, etc. não tenham duvidas de que o calor é incomodativo.

«As consequencias do facto, perguntam-me, são as que vou dizer: o



corpo humano cobre-se de suores, a pele avermelha e a vítima sente um desejo imenso de ir para a sombra.

«Algumas pessoas mais atacadas pela vaga manifestam vontade de andar nuas.

«Quanto ás consequencias economicas—o commercio resente-se também da vaga. A concorrencia nas lojas que vendem leques aumenta consideravelmente, assim como nos estabelecimentos de bebidas, dando-se o caso extraordinario de cessar o consumo dos «groggs» quentes e de aumentar o dos sorvetes e carapinhadas.

«A agricultura é também atingida, notando-se immediatamente uma grande cresta nos limoeiros, pelo gasto dos respectivos limões.

«Quanto á industria caminha sempre paralelamente ao commercio; assim as fabricas de leques são obrigadas a uma produção consideravel e as dos piro-litos não lhes ficam atrás.

«Remédios para evitar a vaga? São pouco conhecidos, mas conhece-se por exemplo, a emigração para os polos norte e sul, como um dos mais efficazes...

Assim falou o saqio e assim o comunicamos aos nossos leitores, para que não aleguem ignorancia.



Doenças novas

Quem diz aí que somos um paiz atrazado, mente com quantos dentes tem na boca: pelo contrario somos um paiz de adea tamenteos como não ha outro ou como poucos haverá.

Agora, por exemplo, quando os outros paizes não manifestam o menor sinal de progresso na patologia, nós batemo-nos com uma doença nova, nem mais nem menos. Tem um nome muito exquisito, em latim, porque é lingua para tudo, desde que morreu, e dá na pele, não de toda a gente, mas das lavadeiras.

O jornal de onde extraímos a sensacional noticia não nos diz com clareza em que tal doença consiste, mas, como ella parece provir do contacto da roupa suja, que as pobres lavadeiras tem de manusear, quer queiram quer não quei-



ram, estamos convencidos que o enfermo, isto é, a enferma, começa por sentir picadas pelo corpo, onde lhe apparecem pequeninas manchas vermelhas, circulares, deixando, quando desaparece a vermelhidão, um minusenlo ponto escuro.

Os medicos ainda não estão d'acordo quanto ao medicamento a aplicar quando a doença se manifesta, mas o tratamento preventivo já se conhece perfeitamente: quem usar em grandes doses um pó insecticida tem todas as probabilidades de ficar indemne. Ha tambem quem use o sistema de comprimir entre as unhas dos dois dedos polegares certo insecto saltador que costuma abrigar-se nas pregas das roupas, mas esse sistema é moroso e quiçá pouco asseado.

No emtanto, já tem dado resultados apreciaveis.

LOGARES SELECTOS

In promptum pastoral

Sob este ceu criador
De manhã vermilhana,
Apetece ser pastor
E tocar frauta de cana;

Não pastor d'autos d'amór,
D'eclogas frias e velhas,
Mas verdadeiro pastor
De verdadeiras ovelhas...

Não conhecer o talento
Nem nada do que se ensina,
Esta dôr do entenlimento
E' pior do que se imagina...

EM FOCO



Dr. José Roberto de Macedo Sousa

Fundou a Liga Luso-Brasileira
Pelo que tem direito a ser focado,
Cortando-se o dialogo travado
Entre a Gertrudes Pires e a sopeira.

Sempre que ha um pretexto ou que ha
maneira

De festejar o seu Brasil amado,
Belmiro empu ha a lira e em pé quebrado
Com esta mercancia vai á feira.

Dizem lá mal de nós, doutor Macedo,
Mas eu seja maldito ou seja preto
Se dos tais maldizentes tenho medo.

Com eles, geralmente, não me meto,
Mas se algum é mais fero e mais azedo
Vingo-me logo: façõ-lhe um soneto!

BELMIRO.

Guiar o meu coração
Num ingenuo cristianismo,
Esta civilização
E' cheia de pessimismo.

Comer pão negro, pão duro,
Beber o leite das pjaras,
Pão de centeio é escuro
Mas põe as almas ás claras...

Amar alguma pastora
Com palavras e com obras,
Estas senhoras d'agora
São mais falsas do que as cobras...

E vêr criar com carinho,
Com cuidados infinitos,
A' companheira, um filhinho...
E ás ovelhas, borreguitos...

Augusto Gil

Do «Luar de Janeiro»

T'ês mèses devem chegar para fazerem
coisa de geito... Ella ai vai:

*Si Roméo flirtoit maint'nant
Avec Juliette
Juliette serait assurément
Bien moins bêtête!
Elle trou'rait extrém'ment banal
L'ancien système,
Et n'prendrait l'air virginal
Pour dir: Je t'aime!
Elle s'e'crierait: Mon gros lapin,
Puisque tu m'gobes...
Paye-moi tout de suite un bel écriin
Et d'joli's robes!*

*Pendant qu'on entendrait le chant
De l'olovette
Voilà c'au'à Roméo maint'nant
Dirait Juliette!*

Ameixas

Desta vez os nossos bons amigos Moreira da Silva & Filhos não exdêm flores, mas frutas, e d'essas escolheram as ameixas, vindo muito anchos por aí abaixo, a julgarem que faziam embasbacar Lisboa.

Pois fiquem sabendo que milhares de pessoas tem passado pela sucursal do «Seculo», no Rocio, onde elas estão em exposição, a milhares de pessoas tem crescido agua na boca, mas a opinião geral é que nenhum dos exemplares que os illustres floricultores nos trouxeram do norte vale os que temos tido aqui, de portas a dentro, genuinamente alfacinhas.

Desde um certo 5 de Outubro para cá é cada «ameixa»!

Francês-português

Aos traductores

De vez em quando pomos á prova os literatos, conhecedores do portugês e do francês, publicando versos nesta lingua para eles traduzirem para a nossa. Que a ideia agrada, provam-no os numerosos versões que recebemos—e agora, como nas estancias de veraneio é difficil passar o tempo distraidamente, aí vai para os curiosos mais uma poesia, da revista teatral «Paris qui marche».

Os traductores podem mandar-nos os seus trabalhos até fins de Outubro.

Semelhança



- Então, Lisboa lembra-lhe alguma cidade americana?
— Yes! Chicago!